

AS PERIPÉCIAS DE UMA FACULDADE DE FILOSOFIA (1941-1991)

*Pedro Américo Maia, S.J.
Colégio São Luis (São Paulo - SP)*

Os primórdios no Colégio Anchieta

A cidade serrana de Nova Friburgo está situada num estreito e alongado vale da serra dos Orgãos, perto da cidade do Rio de Janeiro, da qual dista 133 quilômetros, achando-se a 851 metros de altura sobre o nível do mar. Deve a sua origem a um grupo de suíços do Cantão de Friburgo, que conseguiu de Dom João VI, por decreto de 16 de maio de 1818, a autorização para cem famílias católicas daquele Cantão fundarem uma colônia no Distrito de Cantagalo.

No vale desse morro foram construídos alguns casebres para abrigar os colonos, que em número de 2.125 vieram de suas terras, em oito navios, e chegaram ao Rio, parte em fins de 1819, e parte no começo de 1820, após infeliz e mal organizada viagem, onde perderam a vida cerca de quinhentos imigrantes. O ar balsâmico do novo sítio, as numerosas colinas, que lhes recordavam o agradável aspecto do seu país, mitigaram, até certo ponto, as saudades da Pátria, compensando de algum modo as passadas desgraças.

Em janeiro de 1885, de passagem no Rio de Janeiro o Padre José Maria Mantero, Reitor do Colégio de São Luís de Itu, foi instado por muitas pessoas, entre as quais o Presidente do conselho de

Ministros, todas interessadas na fundação do Colégio em Friburgo. Realizadas em pouco tempo as necessárias restaurações e adaptações num prédio alugado, no que foi o Pe. Lourenço Rossi muito auxiliado pelo Padre Vicente Prosperi, marcou-se o dia 12 de abril de 1886 para a entrada dos alunos. Começava o Colégio Anchieta, em Nova Friburgo.

Em 1922, o estado de coisas a que se reduzira a missão romana no Brasil demandava uma providência urgente, medicinal. Três causas sobretudo concorreram para a crise. A falta de socorros por parte da Província-Mãe, em grande míngua de sujeitos por causa da guerra. O obstáculo que a mesma guerra opunha às viagens para complemento de estudos. O estágio do magistério dilatado para uns, antecipado a outros, para prover ao fornecimento de professorado. Consequência: falta repentina de professores, por acúmulo de candidatos aos cursos filosófico e teológico. Já não era possível manter todos os Colégios: o São Luís fora reduzido a externato, para economizar corpo docente. Agora inculcava-se mais o fechamento de um internato, que ao mesmo tempo fornecesse abrigo ao escolasticado de filosofia e letras. Dois problemas que se solviam de um só revés. O Colégio Anchieta tornava-se Casa de Formação dos Jesuítas do Brasil Centro-Leste. Era um complexo: Escola Apostólica, Noviciado, Juniorado e Curso de Filosofia. O Pe. José Manuel de Madureira foi um dos primeiros professores.

Primeiro professor de Filosofia no Anchieta

Sorocaba, na então Província de São Paulo, era o tipo das cidades provincianas do Brasil, cheia de tradições patriarcais e religiosas. Nela vivia, em meados do século passado, uma família de linhagem antiga e muito ilustre, cujo tronco primitivo remonta às eras do descobrimento de nossa terra. Em 1865 nascia José Manuel de Madureira.

Aluno do Colégio São Luís, em Itu, aos 13 anos, deixava o Brasil para cursar o seminário menor dos jesuítas em Roma. Em 1880 ingressou na Companhia de Jesus e terminava seus estudos de Filosofia em 1888. Entre esta e a teologia é praxe fazer o jesuíta um estágio nos Colégios para prática do magistério.

O Colégio Germânico e Hungárico de Roma, levantado pelo próprio Fundador da Companhia, provê de um clero bem aparelhado os países da Europa Central. Pe. Madureira foi chamado a colaborar nessa empresa de tamanha tradição e honra para a Companhia. Seu posto por três anos foi o de repetidor de filosofia. Aos

seminaristas, que freqüentavam os cursos da Gregoriana, ministrava ele um suplemento das aulas diárias. Em 1894 recebia, em Roma, a ordenação sacerdotal. Os catálogos da Província Romana, apontam em 1896 o Pe. Madureira como professor. Desde a abertura das aulas em novembro de 1895 tomara posse de uma das três cátedras de filosofia da Universidade Gregoriana. Tinha então justamente 30 anos. Começou pela lógica e metafísica geral, ramos que lhe ficaram sempre familiares: eram o seu fraco e o seu forte.

Em 25 de fevereiro de 1910 chega a Itu, como Reitor do Colégio São Luís. Pela primeira vez era investido da autoridade de superior, justamente na casa donde saíra para o estrangeiro e para a religião. A administração foi curta.

Mostrou-se à altura do sacrifício que pedia a conjunção e, como não sabia desempenhar por metade as ordens da obediência, trabalhou seis anos com o mesmo alento de suas maiores e mais prediletas empresas. Ainda nas piores circunstâncias subjetivas, sabia transfundir em sua obra o entusiasmo do coração.

Dedicou-se incondicionalmente ao Colégio e com o impulso de seu zelo inquebrantável chegou este à prosperidade que até então não conhecera. Grande renome do Externato. Quanto à matrícula o auge foi atingido no seu período de Reitor: 498 alunos em 1920. Conseguiu reunir um corpo docente excepcional. Os exames prestados perante as bancas oficiais concluíram sempre com mais lisonjeiro dos êxitos.

Por ocasião do Centenário da Independência, em 1922, a Liga Pedagógica inseriu no seu programa uma conferência sobre pedagogia jesuítica. Pe. Madureira, único jesuíta na instituição, não pode esquivar a incumbência. Pareceu-lhe logo que não poderia limitar-se ao Brasil-Colônia. Além da catequese, trataria da Companhia. Como preâmbulo, sua pedagogia na Europa, para espelhar bem suas tradições, que se concretizam no *Ratio Studiorum*. Daí, as primeiras três partes, que ocupam o 1º volume: *Liberdade dos Índios, Companhia de Jesus, sua Pedagogia*. No segundo viram os resultados pedagógicos, repartidos por quatro períodos históricos: na Europa e no Brasil, antes e depois do restabelecimento.

Em fevereiro de 1923, o Pe. Madureira já se acha no Anchieta, transformado em Seminário da Ordem. No mesmo mês começa as preleções. É de imaginar-se a faina dos primeiros tempos: organizar para si e para seus alunos bibliotecas de consulta, adaptar o edifício ao novos usos, estabelecer as tradições do escolasticado, incipiente. Seu conselho, pedido e ouvido, tudo

guiava, expedia, facilitava: Incontestavelmente sua preocupação primária era a de formar seus irmãos escolásticos. Foram bem uns cinqüenta que passaram por suas mãos.

A nota característica de sua virtude era entusiasmo em fazer bem tudo o que fazia, a dedicação total quanto se tratava de servir à causa de Deus. Foi inimigo da mediocridade. Esse apaixonado ardor da vontade tem para nós valia definitiva na expressão de seu caráter. Cada momento da convivência com ele persuadia que estava sempre alerta a generosidade de alma. Não se passava um dia que não resolvesse algum plano de glória de Deus, algum empreendimento nobre. Para fazer um amigo não lhe eram precisos mais de poucos minutos. E era um amigo sempre. Podia variar a intensidade, mas entre os dois nunca mais afrouxava uma corrente de recordação mútua, viva e cheia de suavidade.

O setor de apostolado em que mais mourejou foi o dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Já na Itália começou a exercitar-se no gênero, pregando a várias comunidades e congregações. No Brasil, a par de seus irmãos, labutou anos contínuos no manejo desta sorte de armas. As férias passava-as quase sempre nessa ocupação. Interrogado às vezes, ao voltar dessas exursões, tinha perdido a conta dos retiros que chegou a dar num intervalo de dois meses.

Envelheceu de repente. Foi colhido de surpresa pela doença. Não aprendera a ser doente. Como lhe custava a inércia do cubículo! Como lhe custava o regime! E o espírito sempre tenso, sempre operoso. Apenas ressurgia das assustadoras crises, que revelações de sua atividade cerebral, sob o peso da melancolia! Naqueles períodos de incubação, paralisava-se seu gênio comunicativo, mas a mente nunca cessava de trabalhar. Morreu sem agonia, tal como o desejara nos seus temores da morte, no dia 25 de setembro de 1928.

Centro de Estudos Eclesiásticos para Jesuítas do Brasil

Em agosto de 1937 o Pe. Geral, Vlodimiro Ledóchovsky, elevou o Colégio Anchieta de Nova Friburgo à categoria de Colégio Máximo Anchieta. No dia 14 de julho de 1941 a Sagrada Congregação dos Seminários e Estudos Universitários recenseava o Colégio Máximo Anchieta entre as Faculdades Filosóficas da Companhia de Jesus, com o direito de conferir graus acadêmicos segundo os estatutos da Constituição Apostólica "Deus Scientiarum Dominus", através de um decreto do Cardeal Pizzardo.

Os filósofos colaboraram com a ASA (Ação Social Arquidiocesana) do Rio de Janeiro com a tradução e adaptação de vários opúsculos sobre o comunismo, da Escola Social Popular de Montreal.

De 20 a 30 de junho de 1944 esteve em Friburgo o Dr. Bernhard Gross, professor contratado pelo governo brasileiro para o Instituto de Tecnologia do Rio de Janeiro, cientista de nomeada internacional em vista de seus estudos sobre os raios cósmicos. O Prof. Gross veio a Friburgo a convite do Pe. Roser. As conferências com projeções versaram sobre problemas da radiações cósmicas. Hóspede do Colégio por mais de 10 dias, os filósofos ofereceram ao Prof. Gross uma Academia de despedida apresentando alguns pontos relacionados com a Física, a Matemática e a Filosofia.

A característica da Casa de Formação em Nova Friburgo foi a linha romana dos Jesuítas italianos, os fundadores da Província do Brasil Centro-Leste, da Companhia de Jesus. Era o "ultramontanismo" fiel às diretivas do Papa Pio X. Não ficou impune pela própria natureza das coisas este regime "romano" imposto pelos padres europeus a uma Casa de Formação no Brasil, para brasileiros. A crônica sempre discreta, nem por isso desconheceu a cobrança da natureza a um regime que teimava em desrespeitar o "modus brasiliensis" de se ser jesuíta. A eclosão viria bem mais tarde, quando defecções pessoais seriam em parte explicadas pelo regime imposto em Friburgo por superiores notoriamente europeus. A mudança, tão aguardada, começaria a se esboçar a partir de um novo reitor, na pessoa do padre César Dainese, S.J.

A mudança da proposta da Casa de Formação firmar-se-ia com a atuação do novo Reitor. No final do seu primeiro ano de governo, era mudado o mestre de noviços: sucedia ao padre Roberto Bannwarth o padre Afonso Rodrigues. Padre Roberto fora durante 17 anos mestre de noviços, sucedendo no cargo ao padre Dante que também ocupara a mesma função durante 17 anos. A comunidade religiosa crescia, impunha-se renovação no corpo docente, tarefa que se tornou difícil. Para se entender melhor a modificação que se iniciaria por esta época, vale a pena primeiro traçarmos o perfil do padre César Dainese (1894-1986).

Nasceu em Luvigliano (Pádua), Itália, em 1894. Ingressou na Companhia de Jesus em 1912, no Brasil, começando seu noviciado em Vila Mariana, São Paulo. Depois dos estudos de Filosofia em Roma e de Teologia no Heythrop College, Inglaterra, foi ordenado sacerdote em 1927. Regressou ao Brasil,

terminada sua formação, em princípios de 1930. Ocupou o cargo de Reitor do Colégio Anchieta em Nova Friburgo, por duas vezes, 1934-1935; 1940-1950; do Colégio Antonio Vieira, em Salvador, Bahia, ao mesmo tempo em que exercia as funções de Provincial da Bahia (1953-1957); Reitor do Colégio Santo Inácio, no Rio, de 1963-1964.

Homem de sensibilidade, afetuoso, atento à vida, porém marcado com uma ascese que sempre lhe toldou a exuberância de seu coração, aquela "outrance" que o fazia efusivo e homem de muito sentimento. Este estofo "romano" extremamente afetuoso ficou sempre "lustrado" de asceta que se manifestava muitas vezes por uma aspereza, rigidez e quase dureza que deixava desconcertados seus amigos e pessoas mais chegadas. Tido como tímido, mas de notória coragem, de inteireza para enfrentar obstáculos e situações difíceis. De verbo fácil e oportuno; bom escritor sem nunca conseguir depor a agressividade e a combatividade que faziam dele orador contundente e "pena temível" quando no exercício de sua combatividade. Quis sempre unir sua grande emotividade com a combatividade do defensor da fé, do conservador intransigente, de moralista íntegro.

Os filósofos começam, em 1948, a publicação da revista Arquivo Social, órgão do Centro de Estudos Sociais do filosofado. Na Escola Apostólica, em 1948, com a autorização do governo para ter o curso colegial, o Ginásio Santo Estanislau passa oficialmente a ser designado como Colégio.

Nos fins de julho de 1950 pela primeira vez o filosofado registrou um exame Ad Lauream, feito pelo Pe. Selvaggi, defendendo tese no dia 27 de julho sobre "Sindérese em Santo Tomás".

No dia 19 de julho de 1953 deu-se a inauguração da Biblioteca Pe. Manuel da Nóbrega, no Colégio Anchieta. Estiveram presentes à inauguração solene, numa programação elaborada pelo Pe. Stanislaus Ladusâns, o Governador do Estado, Ernani do Amaral Peixoto, Antonio Balbino, Ministro da Educação e várias outras personalidades. Missa de ação de graças. Banquete oferecido no amplo refeitório do Colégio Máximo. Logo após, sessão solene; o Prof. Jacobino Lacombe fala sobre a evolução religiosa de Rui Barbosa; o Dr. Pedro Calmon, sobre Anchieta, e Clemente Mariani (ex-Ministro da Educação) fala sobre Tomás de Aquino.

No dia 18 de dezembro de 1953, Solene Ato Público de filosofia. Neste ano revestia-se de especial solenidade por comemorar o 4º centenário da vinda de José de Anchieta para o Brasil. Neste ano de 1953 era nomeado Superiores dos filósofos em Nova Friburgo

o Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, notável professor de filosofia, cuja orientação modificaria substancialmente os rumos do filosofado dos Jesuítas.

A partir de 1952 acentuava-se o problema dos estudos eclesiais para os jesuítas em formação: a falta de reconhecimento oficial dos estudos em nível universitário. Isto dificultava os jesuítas que se dedicariam ao magistério de 1º e 2º graus, além de dificultar sua inserção em estabelecimentos universitários para ulteriores estudos. A solução foi oficializar a Faculdade Eclesiástica que existia no Colégio Anchieta, oficialmente desde 1939. Graças ao empenho e à dedicação do Pe. Ladusâns isto foi conseguido.

Com a mudança, em 1950, do noviciado, de Nova Friburgo para Itaici (SP) e em 1966, da Faculdade de Filosofia para São Paulo (Km 26 da Via Anhanguera) encerrava-se a “fase provisória” da casa de formação em Nova Friburgo. Um provisório que durara 43 anos. A razão principal do encerramento temporário do Colégio Anchieta em 1922 tinha sido a escassez dos efetivos de religiosos. Portanto, estes 43 anos foram de trabalho vocacional: procurou-se suprir a Escola Apostólica (Seminário Menor) e o noviciado como matrizes dos futuros contingentes de religiosos jesuítas da Província.

Este longo período de promoção vocacional teve altos e baixos e nos anos 50 o Colégio Anchieta como casa de formação atingia números recordes (150 apostólicos e no Noviciado, Juniorado e Filosofia, quase também 150). Entretanto, tamanho esforço iria desembocar numa crise vocacional sem precedentes, que começaria, exatamente, no ano de 1967.

O Pe. Henrique Vaz, marco dos tempos novos

Natural de Ouro Preto (MG), 1921, Henrique Vaz, fez seu curso de filosofia em Nova Friburgo. A Teologia ele a fez na Universidade Gregoriana de Roma; doutorou-se em filosofia, com tese doutoral sobre Platão.

Seu perfil intelectual foi traçado numa publicação em sua homenagem por ocasião de seu 60º aniversário, pelo Pe. Bastos de Ávila.

“A Universidade, a partir de 1950, perdia o controle sobre as inteligências jovens. A juventude descobria o marxismo e se reduzia pela possibilidade de encontrar nele categorias de análise

que lhe inspirassem uma práxis adequada aos desafios. O confronto se deslocava do campo de uma sociologia formal para o filosófico. Foi então que pedi ao Pe. Vaz um artigo para a revista *Síntese Política Econômica e Social (SPES)*. O artigo veio: 'Marxismo e filosofia'¹.

1. *Cristianismo e história*, publicação em homenagem ao Pe. Vaz no seu 60º aniversário, São Paulo, Loyola, 1982, pp. 14-16.

Descrevendo o apostolado intelectual do Pe. Vaz, Bastos de Ávila ponderava: "O Pe. Vaz procurou oferecer àqueles jovens novos parâmetros, novas categorias de análise, iniciando-os na temática da consciência histórica e numa crítica inteligente do marxismo. Seu esforço foi incompreendido, não pelos jovens, mas pelos que não compreendiam a radicalidade dos questionamentos com que se defrontavam. Os jovens o compreenderam e fizeram suas opções conscientes, pelas quais jogaram com a dor a fidelidade a seus compromissos, num dos períodos mais tenebrosos de nossa história cultural e política. Por coincidência, aqueles que não compreendiam então nem o mestre nem o alunos situavam-se no segmento de uma vã analogia geométrica denominada de extrema direita. Exigiam que ele as renegasse, num momento em que tal gesto seria sentido como uma traição. O Pe. Vaz sempre se negou a isto. Sofreu com eles; também com eles foi vítima da repressão, foi reduzido à condição de um homiziado da cultura, ao ostracismo intelectual. No isolamento e no sofrimento, ele continuou seu silencioso e obstinado trabalho, acumulando uma das mais invejáveis culturas filosóficas de nosso Brasil, sempre a par do que de mais rico vinha surgindo em todos os quadrantes do horizonte cultural"².

2. Pe. Ávila, op. cit., pp. 14-16.

Na sua "Biobibliografia" (1976) o Pe. Vaz se refere ao escolasticado de Nova Friburgo: "A formação filosófica ali ministrada era rigidamente escolástica e acentuava fortemente, mesmo sob o ponto de vista didático da distribuição das disciplinas, o caráter sistemático do modo de pensar filosófico. Tinha, no entanto, um mérito incontestável: o mérito de existir e, portanto, de oferecer um bem definido ponto de partida aos que sentissem chamados a uma vocação de filósofo. Mérito que oficialmente poderá ser apreciado pelos que jamais experimentaram as alegrias austeras de um exigente exercício intelectual, controlado por esse incomparável instrumento de precisão que é o latim escolástico"³.

3. Henrique Vaz, "Biobibliografia" in *Cristianismo e história*, op. cit., pp. 415-425.

O trabalho filosófico do Pe. Vaz constitui a concretização da mudança de perspectiva. A Faculdade na qual fez ele seu curso de filosofia adotara sob a inspiração conservadora do Pe. Madureira (1865-1928) o lema "Adhaereo firmiter". Emblema vivo do domínio absoluto da Escolástica na formação dos jesuitas até a década de 1950. Expressão do conservadorismo quase radical que caracterizava os professores e intelectuais de destaque na Província do Brasil

Central. Pe. Leonel Franca, Pe. Nicolau Rossetei, Pe. Leme Lopes, Pe. César Dainese e Paulo Bannwarth.

A situação do Pe. Henrique Vaz como professor, apesar de sua docilidade “às normas severas do exercício do Magistério de Filosofia numa casa de estudos da Companhia de Jesus, ainda vigentes naquela época”, nos anos de 1953 a 1963 terminavam de vez com o perfil conservador, direitista e acentuadamente filosófico da formação do jesuíta. Era para a casa maior dos estudos na Província do Brasil Central a revolução dos anos 60.

Prevenido com a abertura para o mundo moderno como dado fundamental para a formação jesuítica do futuro sacerdote, Henrique Vaz foi o promotor da inserção do escolasticado de Filosofia no contexto universitário brasileiro. A partir daí, mesmo com a ênfase do intelectual, numa formação filosófica atualizada, o escolástico deixava de ser o “indivíduo guardado” para o estudo, sem transformar-se num ativo participante da “religião” cultural do seu tempo. Neste sentido, despontavam-se duas tendências vivas na época: uma preocupada com a filosofia moderna e a necessidade da abertura cultural, e outra centrada firmemente na Escolástica, expressão da ortodoxia e conservadorismo. E este foi o “lado que venceu”. O Pe. Vaz, a partir do início de 1964, era transferido para Belo Horizonte.

Intelectual de formação européia pelo seu doutourado e de modo especial pela sua espantosa capacidade de leitura, Henrique Vaz é expressão da cultura filosófica a proveito do diálogo entre Fé e Cultura. Provado na sua dedicação profissional nas aulas e nos seus escritos, conheceu a dureza da “peregrinação” do golpe que o levou várias vezes ao inquérito e ao DOPS, além de restrições. “Confinado” sem poder retirar-se do País e voltar com garantias.

Neste sentido Henrique Vaz se constituía no novo tipo de Jesuíta que as Congregações Gerais 31ª e 32ª também tentam conseguir criar como modelo “intelectual” do serviço à Fé na promoção da Justiça. Esta realidade valeu ao Pe. Vaz, no meio intelectual de sua Província, por muito tempo a etiqueta de esquerdista, progressista, e portanto, “marxista”. Mas a sua redenção estaria inserida na sua vida ilibada de fidelidade à Igreja e à sua Fé, exprimindo tal “adesão firme” no famoso editorial “Cristianismo e Pensamento Utópico. A propósito da Teologia da Libertação”, publicado por ele na revista *Síntese*.

Vejamos: “Num momento, que deve situar-se entre 1965 e 1969, entre o fim da Ação Católica e a Igreja pós-Medellín, a utilização de algumas categorias básicas da teoria da história e, em primeiro

lugar, da teorização marxista da sociedade de classes, passou a predominar na expressão conceptual do ver e julgar dos militantes cristãos. Para o cristão comprometido com a lutas de libertação e promoção social das classes oprimidas o respeito pelo gênio de Marx e a honestidade intelectual para com os marxistas sinceros (com os quais muitas vezes ele se encontrará na mesma frente de ação) exigem a afirmação sem equívocos da diferença que os separa. E a diferença é, aqui, infinitamente profunda: de um lado o Absoluto e o Verbo de Deus presente como dom de graça e de justiça no coração da História, Verbo de Deus feito homem, no que e pelo qual as vicissitudes históricas se elevam do aqui e agora da sua contingência para a plenitude trans-histórica do seu sentido absoluto; do outro o Absoluto se afirma na demiurgia do homem que concebe o projeto titânico de construir, fiado no próprio devir dialético da História, a cidade da justiça perfeita na clausura e na imanência do tempo".⁴

4. *Síntese* n. 32, 1984, pp. 5-19.

O pensamento do Pe. Vaz afirmava, em irreconciliável oposição com a leitura teológica da História, a teoria que eleva o fato do conflito das classes "à condição de princípio fundante de um peculiar logos da História". Isto seria descrever o curso histórico como implacável luta travada entre classes hipostasiadas em combatentes míticos. A chegada ao poder da classe universal anunciaria a supressão de todos e a instauração final do reino do homem sobre a terra.

A oficialização da Faculdade

Correspondendo a um desejo várias vezes manifestado pelas personalidades de renome, que se ocupam da grande causa do ensino no Brasil, cedendo também à aspiração da população do Município de Nova Friburgo e do mesmo Estado do Rio de Janeiro e querendo perpetuar, de um modo atualizado, a missão cultural iniciada há quatro séculos pelos Fundadores de São Paulo, os Padres Jesuítas fundaram, no fim do ano de 1954, na cidade de Nova Friburgo, famosa pelo seu clima excelente, a Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira.

No dia 13 de julho de 1954 deu entrada no Ministério da Educação e Cultura o respectivo Requerimento dirigido ao Exmo. Sr. Ministro, com a volumosa documentação. Seguiu-se, então, no fim do mês de julho, a verificação feita em Nova Friburgo, em nome do Ministério da Educação e Cultura, pela Professora Nair Fontes Abu-Merhy, chefe da Seção de Estudos e Orientação da Diretoria do Ensino Superior.

Depois de um exame minucioso da causa apresentada, o Sr. Diretor do Ensino Superior, Dr. Jurandyr Lodi, encaminhou o Requerimento e a respectiva documentação para o Conselho Nacional de Educação. No dia 1º de outubro de 1954 o Conselho Nacional de Educação concedeu, unanimemente, a licença pedida para instituir a nova Faculdade, aprovando os 35 professores apresentados, que constituem o Corpo docente Fundador. O parecer do Conselho Nacional de Educação foi homologado pelo o Sr. Cândido Mota Filho, DD. Ministro da Educação e Cultura, no dia 17 de novembro de 1954. Finalmente, no dia 23 de novembro de 1954, S. Excia. o Sr. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Dr. João Café Filho, assinou o decreto nº 36.494, publicado no "Diário Oficial", número de 27 de novembro de 1954, que autorizava o funcionamento dos cursos de Filosofia, Matemática, Física, Letras Clássicas e Pedagogia da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira.

A Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira celebrou em 1º de março de 1955 a Instalação solene de seu primeiro ano acadêmico com um programa brilhante. Às 9 horas, na Capela do Colégio Máximo Anchieta, onde funciona a Faculdade, Mons. João Ferrofino, Conselheiro da Nunciatura Apostólica, oficiou o Santo Sacrifício da Missa, impetrando as bênçãos do Espírito Santo para as atividades da nova Faculdade. Estiveram presentes o Dr. Jurandyr Lodi, Diretor do Ensino superior, Sr. representante de S. Excia. o Sr. Governador do Estado do Rio de Janeiro, os corpos docente e discente da Faculdade e outros convidados. O solene ato acadêmico de abertura dos cursos realizou-se às 14 horas no salão de atos do Colégio Máximo Anchieta. Na mesa presidencial, à direita e à esquerda de Mons. João Ferrofino, representante de S. Excia. D. Armando Lombardi, Nuncio Apostólico no Brasil, sentaram-se, a convite do R. Pe. Paulo Bannwarth, S.J, diretor da Faculdade, o Exmo. Sr. Dr. Jurandyr Lodi, representante de S. Excia. o Dr. Cândido Mota filho, DD. Ministro da Educação e Cultura. No dia 5 de novembro de 1958 era aprovado pelo Conselho Nacional de Educação o Curso de Didática da Faculdade Nossa Senhora Medianeira.

Em 1958, o Diretório da Faculdade participa do XXIV Congresso Estudantil Fluminense. Em 1959, o Diretório Pe. Eduardo Lustosa da Faculdade participa do XXII Congresso Nacional dos Estudantes, na Universidade Rural. Também em 1959 foi instalado o Telescópio Equatorial, comprado e montado por técnicos do Observatório Nacional. Em 1960, na Faculdade, foram criados os cursos de História, Ciências Sociais e Letras Neolatinas. No dia 4 de fevereiro saía assinado o decreto.

No dia 30 de agosto, o Centro Artístico Eduardo Lustosa, atendendo a um pedido do U.E.E. de Minas Gerais vai a Belo Horizonte, a fim de participar do Festival Artístico Estudantil, apresentando mais uma vez a peça de Reginald Rosa, "Doze Homens e Uma Sentença". Outra representação foi levada efeito em Niterói, em 17 de setembro.

Em 1961 o 70º aniversário da *Rerum Novarum* é comemorado em agosto com uma palestra do Dr. Michel Debrun, representante da embaixada francesa e professor no Rio de Janeiro. Em setembro, projeções e palestras sobre os progressos técnicos e sociais da Alemanha. Em outubro o adido do Trabalho da Embaixada dos Estados Unidos expôs os aspectos sociais norte-americanos.

A partir de 1965, o Filosofado começou a ser de direito e de fato o Filosofado Comum para todas as Províncias do Brasil: 19 da Província Central, 12 da do Sul, 8 da Vice-Província do Norte, 15 da Vice-Província Goiano-Mineira, 1 da Vice-Província da Bahia, 7 da Vice-Província do Paraguai, 1 da Vice-Província da Bolívia e 1 da Vice-Província Centro-América. Ao todo são 64 Irmãos filósofos. Os PP. Joseph de Finance, Filippo Selvaggi, Celestino Pires e Júlio Fragata vieram da Europa para lecionar um semestre no Colégio Anchieta.

Anunciava-se oficialmente a transferência para São Paulo (Via Anhanguera, Km 26) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora Medianeira.

Em 1965, o Filosofado Comum foi instituído em todas as Províncias do Brasil.

O Filosofado Comum é constituído por:

1. O Filosofado Comum de São Paulo.

2. O Filosofado Comum de São Paulo.

Filosofando sobre a filosofia

A partir das décadas de 20 e 30, quando o capitalismo aqui se consolidava na transição para a fase industrial, a sociedade brasileira entrou em contato com o ideário liberal escolanovista de forma sistematizada e conferiu à "educação dos novos tempos" relevância inusitada. A partir desse liberalismo brasileiro, definiu-se e consolidou-se em ideologia nacional. Esse período decisivo para a vida nacional tem sido, especialmente em nossa literatura educacional, objeto de análises fragmentadas que não raro favorecem interpretações simplificadoras e equivocadas.

A preocupação com a garantia de uma "cultura geral sólida e abrangente" gradualmente predomina sobre as diretrizes inovadoras, inclusive sobre o princípio fundamental da renovação do método da produção cultural, da "funcionalidade" e da "instrumentalidade" da nova educação. A ênfase, aos poucos absoluta, na importância da cultura geral, justifica-se como antídoto contra a

especialização "típica do mundo moderno" que, pelo que se sugere a argumentação, já afetava a formação da juventude brasileira. Define a escola como "a única agência educativa da infância e da juventude", por proporcionar informações amplas e compreensão unificada do altamente diferenciado mundo contemporâneo.

Permanece, ao que tudo indica, a função básica do ensino superior brasileiro, aquela seria enunciada enfaticamente pelos pioneiros no seu Manifesto, a de selecionar e preparar os mais capazes, as elites forjadas com a força suficiente para influenciar a consciência nacional e a eficiência necessária para conduzir a nação ao seu destino. E acima de tudo a função real de "formar os profissionais" de que a "ordem" efetivamente "carecia", os profissionais liberais: "A Faculdade de Educação, Ciências e Letras está, como se vê, destinada a exercer uma grande influência renovadora no nosso sistema de ensino, concorrendo, de modo eficaz, para que em alguns anos de honesta e rigorosa execução se transforme, das fundações à cúpula, o arruinado edifício do nosso ensino secundário, indigno, sob todos os pontos de vista, da missão que lhe é reservada em todos os países cultos, de elevar a cultura geral do povo ao grau das exigências e imperativos, cada dia mais urgentes e rigorosos, da civilização contemporânea".

Os tempos de São Paulo (1967-1974)

Em Friburgo, a Faculdade funcionava em dois locais diferentes. No Colégio Anchieta, da Companhia de Jesus, os rapazes, na sua maioria aspirantes a padres jesuítas, faziam o curso de Filosofia da Medianeira; as moças cumpriam seus estudos universitários em outra sede, o Colégio Santa Dorotéia.

Ainda sob a direção dos jesuítas, a Faculdade transfere-se para São Paulo no ano de 1966, indo abrigar-se, inicialmente, no Campus da Via Anhaguera, Km 26. É por volta de 1969 que a Medianeira passa a ter um duplo local de funcionamento. No Km 26 eram ministrados o curso regular de Filosofia, os cursos de Ciências Sociais, Letras e Pedagogia em regime intensivo, e algumas disciplinas destes mesmos cursos regulares ou extensivos. Grande parte das disciplinas dos cursos mantidos pela Faculdade, exceção à Filosofia, passa a ser ministrada em seu "Departamento Urbano", como era conhecida a sede da Medianeira no Colégio São Luís, Avenida Paulista.

A reformulação do currículo

Os objetivos da formação filosófica estão em função da missão da Igreja, hoje (o serviço da fé e da justiça). Dentro desta ótica se posicionam os meios necessários para a formação. Entre estes meios estão os conteúdos dos estudos filosóficos. Tal conteúdo não poderá ser satisfatoriamente determinado independentemente da atual experiência que o homem tem do mundo e no mundo.

Estas experiências, tanto as particulares com respeito a cada nação e cultura, como as comuns a todos, são fontes de alegrias e esperanças, medos e ansiedades. O problema que os homens enfrentam, quer seja pessoal ou global, radica-se no seu contato vivo com o mundo. É aqui que a filosofia francamente se coloca como contribuição efetiva do treinamento para a vida. Pobreza, opressão, violência e morte; justiça, igualdade, paz e vida, tudo deve ser considerado e refletido à medida que tudo isto é atualmente encontrado. Mas isto não é ainda suficiente para colocar a filosofia esqualidamente entre ou dentro da experiência atual. O ato da reflexão filosófica exige que os atuais problemas do homem sejam cuidadosamente analisados e que sejam propostas soluções criticamente avaliadas em termos de métodos profundos e princípios solidamente justificados. Tal reflexão não obrigatoriamente clarifica as soluções, mas transforma o sujeito que assim reflete, de modo que sua futura experiência poderá ser qualitativamente diferente e sua capacidade para uma ação realmente efetiva seja acrescida. Em poucas palavras, a reflexão filosófica deverá tornar a pessoa humana mais eficiente.

A resposta ao desafio hodierno

Nosso mundo moderno, de fato, apresenta à Igreja um desafio. É imprescindível que nossas visões filosóficas do homem, do mundo e de Deus sejam coerentes em si mesmas e de acordo com a fé em Cristo e na Igreja. Apesar de as diversas visões coerentes do mundo diferirem entre si, a ponto de se tornarem incompatíveis, elas não devem estar ou ser incompatíveis com a Fé, a fonte radical da unidade dos cristãos. O pluralismo hoje é um fato dentro da Igreja e tal fato é descrito como um sinal de saúde e de vitalidade da própria Fé enquanto os que têm fé tentam ou procuram mediar sua Verdade às várias culturas e aos diversos povos. Nem um tal

pluralismo é fato completamente novo na história da Igreja. Até mesmo durante a Idade Média vários sistemas filosóficos e teológicos procuraram interpretar o Evangelho para o mundo, e ainda que incompatíveis entre si, não obstante foram e eram internamente coerentes e de acordo com a Fé. Hoje este espécie de desafio urge-nos com renovada urgência diante de algumas visões pobres a respeito do mundo, incompatíveis com a Fé em Cristo e na Igreja.

A nova fisionomia de uma Faculdade Eclesiástica

O curso de Filosofia dos Jesuítas na Província Centro-Leste mudou-se para o Rio de Janeiro no final de 1974. Ficou filiado à PUC-Rio, até 1980. A partir de 1981 instalou-se o curso em Belo Horizonte e a nova modalidade de escolásticos se definia oficialmente em 1982. Atingia um grau de maturidade como o centro de formação filosófica e teológica com todos os jesuítas do Brasil, ao mesmo tempo que a qualidade do ensino oferecido atraía outros jesuítas de outros países, especialmente da América Latina.

O Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), em Belo Horizonte, é constituído pelas Faculdades de Filosofia e Teologia. A Teologia foi fundada em São Leopoldo, em 1949 e transferida para Belo Horizonte em 1982, para as Províncias jesuíticas do Brasil, aberto a outras Províncias fora do país, ao Clero, às Congregações Religiosas e a Leigos.

A Sagrada Congregação para a Educação Católica (dos Seminários e dos Institutos de Estudo), em 5 de dezembro de 1983, aprovou-se por 4 anos os Estatutos dos CES e, com data de 25 de julho de 1989, os ratificou definitivamente. O CES é mantido pela Sociedade de Educação e Assistência Social, sediada em Belo Horizonte, entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, declarada de Utilidade Pública e de Fins Filantrópicos e exerce as suas atividades no Instituto Técnico Vocacional Santo Inácio, dependente da mantenedora.

Em 1988, foi firmado um convênio entre a Universidade Federal de Minas Gerais, através de sua Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e a Faculdade Eclesiástica de Filosofia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES). Por este convênio se ajusta a colaboração de professores da

Faculdade Eclesiástica com o curso de Doutorado da FAFICH e se faculta o uso da Biblioteca do CES pelos alunos daquele curso de Pós-Graduação.

Expressão da maturidade dos estudos oferecidos neste Centro de Formação são as duas revistas editadas pelos professores: *Síntese Nova Fase*, publicada pela Faculdade de Filosofia, e, *Perspectiva Teológica*, pela Faculdade de Teologia. Mas a expressão mais plena dos trabalhos do Centro de Estudos concretiza-se nas coleções de livros dirigidas pelos professores e publicadas pelas Edições Loyola (São Paulo). São elas: "Fé e Realidade", com 30 títulos publicados, "Teologia e Evangelização" e a Coleção Bíblica-Loyola, dirigidas pelos professores de Teologia, e a coleção "Filosofia", com 16 títulos publicados, dirigida pelos professores da Faculdade de Filosofia.

Endereço do autor:
Av. Paulista, 2278
01310 — São Paulo — SP